



CRISTO (Detalhe) – Escultura Úmbria, séc. XII – Artista desconhecido.

REZAR A VIDA

Manuela Silva

**A iniciação à fé cristã das crianças de hoje
- da teologia à pedagogia**

3 a 5 Outubro 2009

REZAR A VIDA

Manuela Silva

*“Sede sempre alegres. **Orai sem cessar.** Em tudo dai graças. Esta é de facto a vontade de Deus a vosso respeito em Jesus Cristo” (ITs 5, 16-18)*

1. O que queremos dizer com esta expressão “Rezar a vida”?

São Paulo, convida os cristãos a rezarem sempre, rezarem incessantemente (ITs 5,17) e a serem perseverantes na oração (Col 4,2). Como entender este desafio?

Poder-se-á viver numa permanente oração?

Quem escolhe uma vocação contemplativa e se refugia num mosteiro transporta consigo esta ideia de permanecer na constante busca de Deus e da sua presença. Mas a um leigo, que vive envolvido pelas preocupações do dia a dia, no trabalho, na política, na família, também se lhe pede esta oração permanente e perseverante?

Como é possível corresponder a esta exigência?

E quanto às crianças, como iniciá-las neste modo de nos relacionarmos com o nosso Deus e como transmitir-lhes uma atitude de oração incessante e perseverante?

Venho partilhar convosco algumas reflexões sobre estas interrogações, na perspectiva de que existe uma relação intrínseca da nossa oração com a nossa própria vida.

O que é rezar a vida?

Como fazê-lo?

Uma ideia muito simples para começar

Rezar a vida é levar a vida, a nossa vida pessoal e colectiva, para a nossa oração e levar a oração para a nossa vida.

Isto é possível quando a fé é vivida como encontro com Alguém, com uma dinâmica própria e não é um mero acrescento na nossa existência de mulheres e homens, uma fé que se esgota em alguns actos de culto ou numa atitude pontual (perdoar uma ofensa, por exemplo) ou num serviço ocasional de amor ao próximo.

Isto é possível quando a nossa fé em Jesus Cristo é vivida como uma relação com Ele que nos ama e nos convida a entrar também numa relação de amor com o próprio Deus, uno e trino, que é, por sua vez, uma relação de Amor. Isto nos ensinou Jesus de Nazaré e nos é confirmado pela tradição apostólica.

A fé em Jesus Cristo, assim entendida, dá-nos um olhar novo sobre a realidade da nossa própria vida, a vida dos outros, o mundo e os eventos que nele acontecem; dá-nos um olhar novo sobre o nosso presente, o nosso passado e o nosso futuro. Trata-se de um olhar que evolui e se transfigura por força do nosso maior conhecimento de Jesus e do acolhimento que vamos fazendo do seu ensinamento e do seu testemunho de vida. Ele que é o primogénito da nova Criação e que nós seguimos como seus discípulos e suas discípulas, tornando presente, no nosso tempo, a sua obra de construção do Reino de Deus pela qual ele deu a sua vida e vive agora como Ressuscitado no meio de nós pela força do Seu Espírito. Este é o cerne da nossa fé.

Assim sendo, nada mais natural do que rezar a vida, isto é, vivê-la, em todas as suas dimensões, numa relação constante com o Senhor e deixando-nos conduzir sempre pelo Seu Espírito, mesmo nos nossos quotidianos mais básicos.

Rezar a vida é como uma respiração, um eco da palavra do apóstolo Paulo quando diz: “*em Cristo vivemos, nos movemos e existimos*” (Act 17,28).

2. Rezar a vida é levar a vida para a oração.

Para quem tem fé, toda a vida é uma relação com Deus a qual, como todas as relações, precisa de ser reconhecida, cultivada, expressa. É isso que fazemos na oração, quer na oração pessoal quer na oração comunitária e litúrgica.

Para uma e para outra, precisamos de tempos especiais, momentos em que assumimos esta nossa relação particular com Deus e nos damos conta de como a nossa vida se vai desenrolando, no seu dia-a-dia, nas nossas opções, nas várias tarefas que desempenhamos, nas suas alegrias e tristezas, nas suas dificuldades e êxitos, nos seus problemas e complexidades, confrontando-a com a palavra de Deus.

Estes tempos específicos destinados à oração não só são fundamentais para prosseguir numa relação pessoal com Deus como expressam o valor e a prioridade que lhe conferimos. Todavia, não nos dispensam da oração incessante, de que fala São Paulo. Isto qualquer que seja o nosso estado de vida.

Perguntar-me-ão, pois: como rezar a vida de modo permanente?

Viver com atenção o nosso quotidiano

Rezar a vida é, antes de mais, viver com atenção, numa atitude de vigilância, viver a nossa própria verticalidade, assumindo a nossa condição de criaturas, de filhos e filhas de Deus.

Rezar a vida é reconhecer a vida como dom e como projecto de Deus, por Ele oferecido à nossa liberdade de seres humanos. Tudo o que pertence à nossa vida e à nossa condição humana deve entrar nesta relação pessoal e única com Deus.

Podemos, assim, aprender a rezar a vida através das coisas simples do nosso quotidiano:

- no modo como me levanto e me arranjo para iniciar um novo dia;
- na intenção e no modo como desempenho o meu trabalho e me relaciono com colegas e com chefes;
- no olhar que dirijo às pessoas com quem me vou encontrar ou simplesmente com quem me cruzo na rua ou no transporte público;
- no modo de fazer compras;
- no modo como preparo, confecciono e tomo as refeições do dia;
- no uso que faço do meu tempo de transporte;
- no modo como me entrego ao repouso;
- etc.

Em todo e qualquer acto do quotidiano, sempre estará presente a minha relação com Deus: nem sempre de uma maneira consciente, mas sempre com a possibilidade de eu a tornar consciente. Essa relação existe, à semelhança de uma respiração. Também nós respiramos, continuamente, sem disso nos darmos conta, mas precisamos, de quando em vez, tomar consciência de como inspiramos o ar e qual o seu percurso no nosso interior até que o expiremos.

Então, apercebemo-nos de como nos é fundamental este simples acto de respirar.

Algo de semelhante se passa com a oração. Vivemos na presença de Deus e devemos tomar consciência dessa realidade. Isto é oração e rezar a vida.

Reflectir sobre a nossa vida

Levar a vida à oração é também reflectir sobre a nossa vida, fazendo-o com verdade, diante de Deus, escutando a sua Palavra e o sopro do seu Espírito e discernindo em que medida as nossas opções, estilos de vida e modos de agir e de nos relacionarmos, com os outros, com o mundo e com a criação, estão em sintonia com a fé que professamos.

Podemos fazê-lo em qualquer lugar, num transporte colectivo, por exemplo, enquanto caminhamos ou fazemos algum trabalho manual repetitivo, mas melhor será que disponibilizemos também tempos próprios para realizar esta prática, regularmente, em condições apropriadas, de espaço e de tempo, que permitam calar os ruídos exteriores e conseguir algum silêncio de qualidade que nos facilite a escuta para vermos melhor. Aplica-se aqui o conselho “escutar para ver”.

Rezar a vida é levar para a nossa oração pessoal e comunitária os problemas, as dificuldades, as encruzilhadas da nossa vida pessoal e da vida dos outros à nossa volta, é colocar diante de Deus as injustiças do tempo presente, as perplexidades da economia e da sociedade, os abusos de poder, as mil e uma formas de corrupção e de humilhação dos mais pobres e pedir que Deus intervenha e nos mostre caminhos para lutar contra as pulsões de mal presentes no mundo e em nós.

Reconhecer as nossas potencialidades e dons

Rezar a vida é reconhecer as potencialidades e dons de cada um e de cada uma de nós e procurar ver como estamos a usar os talentos postos à nossa

disposição para melhor servir os outros e construir o reino de Deus, com sementes de justiça, verdade e fraternidade.

Nada deve ficar de fora da nossa oração: a inteligência e o conhecimento, a sensibilidade e a capacidade de afecto, o dinheiro e outros bens materiais, as relações sociais, o poder de agir ou, para usar uma expressão de Santo Inácio de Loyola, *tudo o que tenho e sou*, reconhecendo que tudo me veio de Deus e a Deus pertence.

Oferecer as nossas esperanças

Rezar a vida é também saber oferecer as nossas esperanças, as nossas aspirações, os nossos desejos de bem, os nossos êxitos, pessoais e colectivos, reconhecer e agradecer a Deus as potencialidades abertas pela ciência, pela tecnologia, pelo desenvolvimento económico e humano, fazendo confiança em Deus na condução da obra e dos destinos da sua Criação.

É importante que avanços e retrocessos da ciência, da tecnologia, da economia ou da política sejam vividos com olhar esperançoso, expresso na nossa oração de louvor, agradecimento ou súplica.

Contemplar as maravilhas da natureza

Rezar a vida é contemplar as maravilhas da natureza: a beleza dos astros e das suas múltiplas galáxias, a imensidade dos oceanos e a energia das ondas, o crescimento das plantas, a variedade dos animais nas suas diferentes espécies e dar graças a Deus por todos estes dons.

Rezar a vida é deixar-se deslumbrar pela gratuidade manifestada na Criação. E, porque não é fácil dar conta de tamanha beleza no meio das florestas de cimento, do barulho e do tráfego intenso das nossas cidades, precisamos de procurar espaços de contacto com a natureza para melhor sentirmos o seu pulsar.

É particularmente importante proporcionar às crianças pequenas esta experiência de contacto com a natureza, ensinando-as a ver e a apreciar as suas maravilhas para, através delas, aprenderem a louvar o Criador de todas as coisas.

Neste mundo da técnica e do ruído da comunicação, precisamos de reaprender a descobrir a presença de Deus através da contemplação da criação e do silêncio desejado.

3. Rezar a vida é levar a oração para a vida

Vivemos numa cultura e numa sociedade que parece impor à nossa vida diferentes segmentações (vida de trabalho, vida de família, vida social, vida política, etc) cada qual com os seus códigos de conduta e suas lógicas próprias de funcionamento, muitas vezes com práticas injustas, opressivas e desrespeitadoras dos mais elementares direitos humanos.

Levar a oração para a vida é procurar iluminar as realidades humanas e terrestres em todas as suas vertentes com a luz que vem do alto, a palavra de Deus, o olhar e o testemunho de vida de Jesus Cristo e da sua acção salvadora.

Levar a oração para a vida é sermos, nos lugares em que nos encontramos, “novas criaturas”, transfiguradas pela acção do Espírito e movidas pela força deste Sopro santificador, que nos torna perspicazes no discernimento do bem e do mal e nos anima a lutar contra este e a promover, activa e corajosamente, a justiça, a verdade, a solidariedade e a paz.

Levar a oração para a vida é saber prestar atenção às necessidades dos nossos irmãos e irmãs, em particular dos mais fracos, dos mais pobres e vulneráveis, e mobilizar os recursos ao nosso alcance para implementar a fraternidade e paz.

Levar a oração para a vida é manter um olhar positivo e esperançoso relativamente ao nosso presente e ao nosso futuro, fazendo suscitar, nos diversos ambientes em que nos movemos, sentimentos positivos e despertar energias canalizáveis para o bem pessoal e para o bem comum.

Levar a oração para vida é assumir a nossa quota-parte de responsabilidade pelo Planeta Terra em que habitamos e procurar que existam condições de vida digna para quantos o habitam hoje e para as novas gerações que o venham a habitar no futuro.

4. Aprender a rezar

A oração, tal como a fé, é um dom do Espírito Santo.

Não sabemos como rezar, mas o Espírito reza em nós e nos inspira como crescer nesta relação amorosa com Deus.

O Espírito Santo é o grande Mestre da nossa oração (Ro 8,26). Mas Ele serve-se de meios humanos para nos instruir.

Podemos aprender a rezar a vida, com quem nos precedeu.

Temos ao nosso dispor a tradição bíblica, ilustrada pela vida dos profetas e dos grandes orantes bíblicos e pelos salmos, o testemunho do próprio Jesus e o seu ensinamento acerca de como rezar, a tradição monástica da liturgia das horas, a escola do peregrino russo, etc. Poderíamos também recorrer aos santos da nossa devoção e ao seu testemunho de vida orante.

São caminhos a percorrer por quem deseja manter viva a oração.

5. Os salmos como escola de oração.

Porquê esta preferência pelos salmos?

Os salmos combinam a palavra de Deus dirigida ao ser humano e a palavra do ser humano dirigida a Deus (SI 81,1-10)

Os salmos exprimem a unidade do ser humano, a sua condição existencial. O salmista reza com os olhos, os ouvidos, a língua, com todo o seu corpo, e a partir da sua experiência vivencial (SI 17)

Os salmos expressam angústia e súplica face às dificuldades com que se defronta (SI 13) e também louvor e acção de graças (SI 150). A bem dizer, estes são sentimentos que atravessam todo o saltério, desde o salmo 1 ao salmo 150.

Os salmos apontam os caminhos da justiça e do bem (SI 1), elogiam o comportamento do justo e abrem ao que prevarica a estrada do arrependimento e do perdão (SI 51)

Os salmos abrem caminho à nossa identificação com Cristo (o salmista é um pobre que põe em Deus a sua confiança (SI 69)

Os salmos estabelecem a ponte entre a oração do indivíduo singular e a oração da comunidade (SI 67)

Os salmos exprimem raiva e violência contra os inimigos (SI 3)

Nos salmos encontramos a oração apropriada a cada hora do dia: manhã (SI 5) e noite (SI 91)

Os salmos têm uma dinâmica pascal (SI 22)

Não é fácil rezar os salmos. Cabe notar que os 150 salmos que compõem o saltério foram escritos ao longo de cerca de mil anos, muitos séculos antes da nossa era, correspondendo a diferentes situações históricas e experiências pessoais dos respectivos autores. Por outro lado, constituem uma herança da cultura judaica antiga à qual hoje temos difícil acesso. O facto de ser uma linguagem poética constitui também uma dificuldade, pois há que interpretar, simbolicamente, a linguagem usada.

Apesar destas dificuldades, vale a pena aprender a rezar os salmos: Jesus rezou os salmos; a Igreja católica, ortodoxa e protestante, ao longo dos séculos, manteve viva esta tradição e, acima de tudo, os salmos no seu conjunto exprimem a nossa história individual e colectiva na sua relação com o Deus único.

CRÉDITOS DE IMAGEM

CRISTO (Detalhe) – Escultura. Úmbria, séc. XII – Artista desconhecido.